«Desde a idade de seis anos que eu tinha a mania de desenhar a forma dos objetos. Por volta dos cinquenta havia publicado uma infinidade de desenhos, mas tudo o que produzi antes dos sessenta não deve ser levado em conta. Aos setenta e três compreendi mais ou menos a estrutura da verdadeira natureza, as plantas, as árvores, os pássaros, os peixes e os insetos. Em consequência aos oitenta terei feito ainda mais progresso. Aos noventa penetrarei no mistério das coisas; aos cem, terei decididamente chegado a um grau de maravilhamento — e quando eu tiver cento e dez anos, para mim, seja um ponto ou uma linha, tudo será vivo.»

(Katsuhika Hokusai, sécs. 18-19)

Para Fabiana & Fernanda
— e Rodrigo —,
que fazem parte dos ganhos

Sumário

1 Convite 15
Procurando o tom 19

2 Desenhando no fundo do espelho 25
A marca no flanco 29
Teorias da alma 53

3 Domesticar para não ser devorado 75
A gueixa no canto da sala 79
Dançando com o espantalho 113

4 Perder sem se perder 129
Minha amante Esperança 133
Velhice, porque não? 163
Luto e renascimento 181

5 Tempo de viver 195
O tom de nossa vida 199

1

Convite

Não sou a areia
onde se desenha um par de asas
ou grades diante de uma janela.
Não sou apenas a pedra que rola
nas marés do mundo,
em cada praia renascendo outra.
Sou a orelha encostada na concha
da vida, sou construção e desmoronamento,
servo e senhor, e sou
mistério.

A quatro mãos escrevemos o roteiro
para o palco de meu tempo:
o meu destino e eu.
Nem sempre estamos afinados,
nem sempre nos levamos
a sério.

Procurando o tom

Que livro é este?

Talvez um complemento ao *Rio do meio*, de l996. Escrito na mesma linha, retomando vários dos que são os meus temas. Toda a minha obra é elíptica ou circular: tramas e personagens espiam aqui e ali com nova máscara. Fazem-no porque não se esgotaram em mim, ainda as vou narrando. Provavelmente assim continuarei até à última linha do derradeiro livro.

Que livro é este, então?

Eu não lhe chamaria de «ensaios», porque o tom solene e a fundamentação teórica que o termo sugere não são o meu estilo. Certamente não é romance nem ficção. Também não são ensinamentos — que não os tenho para dar.

Como em muitos campos de atividade, surgem novos modos de trabalhar ou criar que precisam de novos nomes. Cada um dê a esta narrativa o nome que quiser. Para mim é aquela mesma fala no ouvido do leitor, que tanto me agrada e faço em romances ou poemas — um convite para que ele venha pensar comigo.

O que escrevo nasce de meu próprio amadurecimento, um trajeto de altos e baixos, pontos luminosos e zonas de sombra. Nesse curso entendi que a vida não tece apenas uma teia de perdas mas proporciona-nos uma sucessão de ganhos.

O equilíbrio da balança depende muito do que soubermos e quisermos ver.

•

Encontro um amigo, pianista consagrado, e conto que estou a começar um livro, mas como sempre no início de um novo trabalho ainda estou à procura «do tom» certo.

Ele acha graça, então escritor procura o tom? Rimos, porque acabamos a descobrir que os dois buscamos a mesma coisa: encontrar o nosso tom. O da nossa linguagem, da nossa arte, e — isso vale para qualquer pessoa — o tom da nossa vida. Em que tom a

queremos viver? (Não perguntei como somos *condenados* a viver.)

Em meios-tons melancólicos, em tons mais claros, com pressa e superficialidade, ou alternando alegria e prazer com momentos profundos e reflexivos.

Apenas correndo pela superfície ou de vez em quando mergulhando em águas profundas.

Distraídos pelo barulho em torno ou escutando as vozes nas pausas e nos silêncios — a nossa voz, a voz do outro.

O nosso tom será o de suspeita e desconfiança ou serão varandas que se abrem para a paisagem além de qualquer limite?

Parte disso depende de nós.

No instrumento de nossa orquestração somos — junto com fatalidades, genética e acaso — os afinadores e os artistas. Somos, antes disso, construtores do nosso instrumento. O que torna a lida mais difícil, porém muito mais instigante.

Sento-me aqui no computador e penso no tom deste livro, que preciso de encontrar. Eu sinto-o, neste momento inicial, um murmurar para o leitor:

«Vem refletir comigo, vem ajudar-me a indagar.»

Embora seja uma fala íntima, este pode parecer em certos momentos um livro cruel: digo que somos importantes, e bons, e capazes, mas também digo que

somos tantas vezes fúteis, que somos medíocres demasiadas vezes. Digo que poderíamos ser muito mais felizes do que geralmente nos permitimos ser, mas temos medo dos preços a pagar. Somos covardes.

Mas há de ser um livro esperançoso: sou dos que acreditam que a felicidade é possível, que o amor é possível, que não existe só desencontro e traição, mas ternura, amizade, compaixão, ética e delicadeza.

Penso que no curso da nossa existência precisamos de aprender essa desacreditada coisa chamada «ser feliz». (Vejo sobrancelhas arqueando-se ironicamente diante dessa minha romântica afirmação.)

Cada um em seu caminho e com suas singularidades.

•

Na arte como nas relações humanas, que incluem os diversos laços amorosos, nadamos contra a correnteza. Tentamos o impossível: a fusão total não existe, a partilha completa é inexequível. O essencial nem pode ser compartilhado: é descoberta e susto, glória ou danação de cada um —solitariamente.

Porém numa conversa ou num silêncio, num olhar, num gesto de amor como numa obra de arte, pode-se abrir uma fresta. Espiarão juntos, artista e seu espectador ou seu leitor — como dois amantes.

E assim, rasgando joelhos e mãos, a gente afinal vai.

Por isso escrevo e escreverei: para instigar o meu leitor imaginário —substituto dos amigos imaginários da infância? — a buscar em si e compartir comigo tantas inquietações quanto ao que estamos a fazer com o tempo que nos é dado.

Pois viver deveria ser — até o último pensamento e o derradeiro olhar — transformar-se.

O que escrevo aqui não são simples devaneios. Sou uma mulher do meu tempo, e dele quero dar testemunho do jeito que posso: soltando as minhas fantasias ou escrevendo sobre dor e perplexidade, contradição e grandeza; sobre doença e morte. Lamentando a palavra na hora errada e o silêncio na hora em que teria sido melhor falar.

Escrevo continuamente sobre sermos responsáveis e inocentes em relação ao que nos acontece.

Somos autores de boa parte das nossas escolhas e omissões, audácia ou acomodação, nossa esperança e fraternidade ou nossa desconfiança. Sobretudo, devemos resolver como empregamos e saboreamos o *nosso tempo, que é afinal sempre o tempo presente.*

Mas somos inocentes das fatalidades e dos acasos brutais que nos roubam amores, pessoas, saúde, emprego, segurança, ideais.

De modo que a minha perspetiva do ser humano, de mim mesma, é tão contraditória quanto, instigantemente, somos.

Somos transição, somos processo. E isso perturba-nos.

O fluxo de dias e anos, décadas, serve para crescer e acumular, não só perder e limitar. Dessa perspetiva nos tornaremos senhores, não servos. Pessoas, não pequenos animais atordoados que correm sem saber ao certo porquê.

Se o meu leitor e eu acertarmos o nosso tom recíproco, este monólogo inicial será um diálogo — ainda que eu jamais venha a contemplar o rosto do outro que afinal se torna parte de mim.

Então a minha arte terá atingido algum tipo de objetivo.